



RECONFIGURAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E REPERCUSSÕES PARA O ENSINO: QUESTÕES ESTILÍSTICAS E IDENTITÁRIAS

RECONFIGURATION OF VARIATIONIST
SOCIOLINGUISTICS AND REPERCUSSIONS FOR
TEACHING: STYLISTIC AND IDENTITY ISSUES

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina (edagorski@hotmail.com)

Carla Regina Martins Valle

Universidade do Estado de Santa Catarina (carlavalles10@gmail.com)

Resumo: O objetivo deste texto é discutir questões estilísticas e identitárias associadas a indivíduos e/ou a grupos sociais ou regionais e que vão além de uma visão polarizada de prestígio/estigma, de padrão/não padrão ou de formal/informal. A discussão se dá no escopo da Sociolinguística Educacional, a partir de reflexões à luz de avanços na área da Sociolinguística Variacionista, considerando as três ondas delineadas por Eckert (2012), e de orientações constantes em documentos oficiais (PCN e BNCC) acerca do tratamento da variação. Enfatiza-se a necessidade de reforço e ampliação da “bagagem” do professor, especialmente na formação de docentes nos cursos de Letras e de Pedagogia e sugerem-se algumas atividades de ensino, envolvendo aspectos estilísticos e construção de identidade.

Palavras-chave: Sociolinguística educacional; Variação estilística; Identidade.

Abstract: *The aim of this text is to discuss stylistic and identity issues associated with individuals and/or social or regional groups, beyond a polarized vision of prestige/stigma, standard/non-standard or formal/informal register. The discussion takes place within the scope of Educational Sociolinguistics, based on reflections in light of advances in the area of Variationist Sociolinguistics, considering the three waves delineated by Eckert (2012), and guidelines in official documents (PCN and BNCC) about the treatment of variation. Emphasis is given to the need to reinforce and expand the teacher's "baggage", especially in the training of teachers in the Letras and Pedagogy courses and suggest some teaching activities, involving stylistic aspects and identity construction.*

Keywords: *Educational sociolinguistics; Stylistic variation; Identity.*

INTRODUÇÃO

Inúmeras publicações na área de Sociolinguística Educacional (SE) têm chamado a atenção para o tratamento da variação linguística na esfera escolar. São particularmente representativos desse interesse da área os trabalhos de Bortoni-Ricardo (e colaboradores) e publicações de membros do GT de Sociolinguística da ANPOLL, especialmente as voltadas para o eixo Sociolinguística e ensino. Entre esses trabalhos, encontram-se, por exemplo, estudos sobre crenças e atitudes de professores e de alunos e análises de livros didáticos. Tais publicações contemplam, em geral, aspectos relacionados a variedades padrão e não padrão – considerando a variação social, regional e de registros – e questões de preconceito linguístico. Nesse sentido, pode-se dizer que estão em consonância com uma agenda sociolinguística que é voltada basicamente para a relação entre a variação linguística e macrocategorias sociais pré-definidas, e/ou, mais recentemente, para a relação entre variação e gêneros discursivos, com foco na adequação de registro. Aspectos identitários costumam ser vistos em termos de identidade regional e/ou de grupo social, tomados como identidades relativamente fixas e estáveis. Aspectos estilísticos costumam ser associados a níveis de formalidade, correlacionados a fatores contextuais de diversas ordens.

No entanto, a Sociolinguística Variacionista (SV) tem sido impactada por mudanças observadas na sociedade contemporânea, verificando-se uma reconfiguração que desloca a relação entre as três dimensões que constituem a interface da variação sociolinguística: a variação linguística, a variação social e a variação estilística (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016) – o que pode ser verificado na sistematização dos estudos variacionistas em três ondas (ECKERT, 2012). Nesse realinhamento, a variação estilística, especificamente, vai sendo reposicionada: de lugar periférico e a reboque de macrocategorias sociais onde atua como parâmetro correlacional independente (primeira onda), passa a ser

associada a categorias demográficas e socioculturais locais, expressando significados identitários de grupo (segunda onda) e, por fim, confunde-se com a própria variação linguística, sendo colocada como ponto central nos estudos de práticas estilísticas em que os indivíduos, de forma agentiva, constroem e projetam identidades ou personas num contexto em que diversos sistemas ideológicos e culturais compõem o cenário social (terceira onda).

O estado da arte da área da SV suscita alguns questionamentos: i) Como os avanços de natureza epistemológica e metodológica – que cada vez mais incorporam reflexões interdisciplinares – têm repercutido (ou podem repercutir) em termos de uma pedagogia da variação, considerando instâncias de formação de professores que irão atuar no Ensino Básico, seja em Anos Iniciais (em cursos de Pedagogia), seja em etapas mais adiantadas (em cursos de Letras)? e ii) Qual o lugar destinado, na prática pedagógica, a questões de identidade e estilo – para além de discussões sobre variedades regionais, variedades padrão e não padrão, níveis de formalidade, alinhadas a questões de preconceito? Tais questionamentos, basicamente, motivam as reflexões aqui desenvolvidas.

1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL NO BRASIL

Essa contextualização toma como base a posição assumida em documentos oficiais acerca da variação linguística e pontua alguns aspectos em trabalhos desenvolvidos na área. Em um rápido exame, percebe-se que a SE está, em termos gerais, em consonância com os documentos nacionais que parametrizam a elaboração dos currículos e orientam as práticas no cotidiano escolar. Tanto os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) reservam espaço para a questão da diversidade linguística e se alinham a uma concepção de linguagem centrada na interlocução, como se percebe na seguinte passagem extraída da BNCC:

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). (BRASIL, 2017, p. 65; grifos acrescidos).

Em seção intitulada Implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica, os PCN de Língua Portuguesa do 3º e 4º ciclos registram:

*A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em 'Língua Portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente *identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais.* (BRASIL, 1998, p. 29; grifos acrescidos)*

A BCNN considera que é “relevante que [os estudantes] compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação” (BRASIL, 2017, p. 61). Entre as *competências específicas de linguagens*¹ para o Ensino Fundamental, a primeira listada é:

1. Compreender as linguagens como *construção humana, histórica, social e cultural*, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e *expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais* (BRASIL, 2017, p. 63; grifos acrescidos).

Entre as *competências específicas de língua portuguesa* para o Ensino Fundamental, a BNCC destaca:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como *meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade* a que pertencem.

[...]

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando *atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.*

5. Empregar, nas interações sociais, *a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.* (BRASIL, 2017, p. 85; grifos acrescidos)

¹ Na BNCC, a área de Linguagens é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa (BRASIL, 2017, p. 61).

No eixo da *produção de textos*, a BNCC destaca as seguintes dimensões:

Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos e sobre as *diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam* [...]. Analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao *lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo*; ao leitor pretendido; ao veículo ou à mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato e ao contexto sócio-histórico mais geral; ao gênero do discurso/campo de atividade em questão etc. (BRASIL, 2017, p. 75; grifos acrescentados)

No eixo da *análise linguística/semiótica* – que envolve conhecimentos linguísticos, textuais, discursivos e elementos de outras semioses –, a BNCC pontua:

No que tange ao *estilo*, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de *variedade linguística ou estilização* e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero. Os *conhecimentos* [...] *sociolinguísticos* [...] *estarão* [...] *sendo construídos durante o Ensino Fundamental*. [...]

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, *as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado*. (BRASIL, 2017, p. 78; grifos acrescentados).

[A]s práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos oportunizam situações de reflexão sobre a língua: [...] comparação de *diferentes formas de dizer 'a mesma coisa'* e análise dos *efeitos de sentido* que essas formas podem trazer/suscitar; exploração dos modos de significar dos diferentes sistemas semióticos etc. (p. 79; grifos acrescentados).

Enfim, para todos os campos de atuação², a BNCC menciona a variação linguística no eixo de análise linguística/semiótica, deixando claro que os conhecimentos sociolinguísticos devem ser construídos ao longo dos anos. Tanto a BNCC como os PCN enfatizam as práticas sociais como o *locus* da manifestação da linguagem na interlocução. É nas práticas sociais que a

² A BNCC considera os seguintes campos de atuação: jornalístico-midiático, de atuação na vida pública, das práticas de estudo e pesquisa, e artístico-literário).

língua(gem) se mostra em sua dinamicidade, não só como forma de significação da realidade, mas também como meio de construção e expressão de identidades.

Cabe pontuar, contudo, que na BNCC i) a *variação* é associada predominantemente com a diversidade linguística em torno das dicotomias norma-padrão *vs.* outras variedades e prestígio *vs.* estigma, com ênfase na questão do preconceito linguístico e do respeito à diversidade; ii) a abordagem gramatical (a partir da centralidade do texto) é sempre direcionada à norma-padrão, contemplando: fonologia, ortografia, pontuação, conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos). Em relação à variação linguística, o foco é:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.

Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 80)

Nota-se que não há fenômenos gramaticais específicos (como o paradigma pronominal, por exemplo) associados à variação e que a expressão e construção de identidades e estilos, embora contemplada na BCNN, também não é claramente vinculada à variação.

Em harmonia com as orientações oficiais, vários trabalhos têm sido desenvolvidos no campo da SE nos últimos anos, no Brasil, notadamente aqueles publicados por Bortoni-Ricardo³, outros vinculados ao GT de Sociolinguística da ANPOLL (como o livro *Ensino de Português e Sociolinguística*, organizado por Martins, Vieira e Tavares (2014)), e ainda a coletânea *Pedagogia da variação linguística*, organizada por Zilles e Faraco (2015), entre outros. No âmbito do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), trabalhos ligados à disciplina Gramática, variação e ensino têm contemplado a SE, a exemplo da coletânea *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*, organizada por Sílvia Vieira (2018).⁴

³ Cf. site: [<http://www.stellabortoni.com.br/>].

⁴ Merece destaque a tese de Flávio Brandão Silva (orientado por Joyce Baronas), que foi agraciada com o Prêmio ANPOLL de Teses em 2018: *A abordagem da variação linguística no ensino de língua portuguesa em instituições públicas de ensino do estado do Paraná* – premiação que dá visibilidade ao campo da Sociolinguística Educacional.

Além desses, inúmeros estudos sobre crenças e atitudes de professores e de alunos têm sido realizados na esfera escolar (cf. CYRANKA, 2007; CYRANKA; RONCARATI, 2008; MARINE; BARBOSA, 2017, entre outros). Muitos trabalhos têm examinado livros didáticos, observando como é tratada a variação linguística. Observa-se, via de regra, que i) esse assunto é abordado como um conteúdo presente em uma unidade específica; ii) a variação regional aparece fortemente associada a aspectos de natureza lexical; iii) menções, mesmo que indiretas, à variação estilística são atreladas à adequação da linguagem a diferentes gêneros discursivos, considerando basicamente a questão da norma gramatical e o nível de formalidade; iv) a questão do preconceito linguístico é, por vezes, abordada. (cf. VIANA, 2005; BARONAS, 2014; ARAÚJO; PEREIRA, 2017; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2017, entre outros).

Não é nosso intuito esmiuçar análises feitas sobre livros didáticos, apenas apontar que os materiais didáticos disponíveis parecem estar ainda longe de trabalhar com a ideia de que “em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais” (BRASIL, 1998, p. 29); ou de ver a linguagem como “expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2017, p. 63); ou ainda de considerar “as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo” (p. 75); ou mesmo de reconhecer a língua “como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (p. 85) – enfim, com a ideia de que os “conhecimentos sociolinguísticos estarão sendo construídos durante o Ensino Fundamental” (p. 78), e não esporadicamente.

Para prosseguir com nossas reflexões, fazemos um recorte, a partir do que foi exposto, colocando foco em aspectos identitários e estilísticos associados à variação linguística, explorando-os brevemente em termos de conceituação e de dados empíricos, com ênfase em estudos de segunda e terceira onda variacionista, e, posteriormente, aventando a possibilidade de aplicação em termos de uma pedagogia da variação.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE/ESTILO

Iniciamos esta seção com uma breve retrospectiva acerca do lugar da identidade e da variação estilística nas três ondas de estudos variacionistas. O interesse dos trabalhos da *primeira onda* é pelo estabelecimento de correlações amplas entre variáveis linguísticas e a estratificação dos falantes em categorias macrosociológicas (classe socioeconômica, sexo, idade e etnia), em busca de padrões sociolinguísticos regulares e seu impacto na mudança, com base em análises quantitativas e tomando como *locus* a comunidade de fala. A identidade é associada a fatores sociais específicos e vista como fixa, estável e unificada, já que baseada na inserção dos indivíduos em categorias sociais pré-estabelecidas (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016). A variação estilística é associada a graus de atenção à fala ao longo de entrevistas sociolinguísticas, refletindo diferentes níveis de formalidade, e interessa à medida que é correlacionada com a variação social. O significado social, por sua vez, além de ser considerado como relativamente estático, atrelado às macrocategorias sociais, é também percebido nos valores de prestígio e estigma atribuídos pelas comunidades de fala às formas em variação.

Nos estudos de *segunda onda*, o foco se desloca de macrocategorias sociais aplicadas a comunidades de fala para categorias demográficas e socioculturais que emergem localmente, passando a ser associado fortemente à identidade local. A abordagem é de viés etnográfico e voltada a comunidades menores, a redes sociais, ou a comunidades de prática, envolvendo observação participante, em busca de captar, nas práticas sociais, a dinâmica local da variação. Esses estudos fornecem uma perspectiva local aos achados dos estudos de primeira onda, estabelecendo uma conexão entre macrocategorias sociológicas e categorias locais mais concretas (ECKERT, 2012). O uso de traços vernaculares é considerado como expressão de identidade local ou de classe/grupo, recebendo uma valoração positiva nesse meio; pode ter “prestígio encoberto” em nível local embora possa ser estigmatizado em nível mais global. O estilo é visto como ato de afiliação a determinado grupo.

O estudo de Eckert (2000), através do acompanhamento das rotinas de estudantes adolescentes numa escola no subúrbio de Detroit, lidou com as categorias sociais “jocks” e “burnouts”, associadas a culturas de classe média e classe trabalhadora, respectivamente. Enquanto os *jocks* baseavam suas redes sociais e identidades na esfera escolar extracurricular e mantinham relações de cooperação com os professores, os *burnouts* rejeitavam a instituição como lugar

de vida social e baseavam suas redes sociais e identidades na comunidade urbana mais ampla. A autora constatou que as realizações do ditongo /ay/ (variável linguística investigada) carregavam diferentes valores sociais, especialmente entre as meninas dos dois grupos, mostrando-se mais sensíveis às categorias sociais locais do que a categorias mais amplas, como o nível socioeconômico dos pais, por exemplo.

Assim como na primeira onda, na segunda as variantes linguísticas também são correlacionadas a categorias sociais – mais amplas no primeiro caso e locais no segundo; em ambas as situações, as categorias sociais são vistas como estáticas. A identidade, na primeira onda, é correlacionada a fatores como nível socioeconômico; na segunda, a fatores como adolescentes do grupo X – em ambos os casos a identidade é explorada como reflexo dessas categorias; na primeira onda, a identidade tem um status periférico, ao passo que na segunda ganha centralidade (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016). Por fim, o olhar etnográfico da segunda onda desvela a prática estilística, embora não alcance a natureza das relações indexicais entre variáveis e categorias sociais (ECKERT, 2012).

Nos estudos de *terceira onda*, a variação deixa de ser vista como reflexo de categorias e identidades sociais e passa a ser compreendida a partir de práticas estilísticas dos falantes no cenário social. O estilo é visto como construção e projeção de personas, em outras palavras, a variação estilística é usada para construir e projetar identidades dos falantes sendo fortemente motivada pelo ponto de vista do indivíduo sobre seu lugar no mundo e sobre sua relação com outros indivíduos e/ou outros grupos, num contexto em que diversos sistemas ideológicos e culturais compõem o cenário social. O falante deixa de ser visto apenas como reativo, e passa a ser considerado como agente e criativo. Identidade e estilo deixam de ser tomados como categorias fixas e passam a ser concebidos como movimentos identitários e estilísticos. (ECKERT, 2000, 2001, 2012, 2016). A identidade “é vista como algo que pode ser performado e negociado em toda sua fluidez e multiplicidade, momento a momento” (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 60-61).

Ganha relevo a noção de indexicalidade, entendida, por Ochs (1992) e Silverstein, (1985) como “um mecanismo pelo qual links semióticos são criados entre formas linguísticas e significados sociais” (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016, p. 55). Por exemplo, formas verbais imperativas podem indexicalizar uma relação de poder; se estudos mostram que homens usam mais imperativo que

mulheres e que poder é associado à masculinidade, então pode-se dizer que imperativo indexicaliza masculinidade (KIESILING, 2013).

A transição entre a segunda e a terceira onda pode ser ilustrada pelo estudo de Labov sobre a mudança sonora na posição fonética da vogal nos ditongos /ay/ e /aw/ em Marthas' Vineyard, o qual pode ser visto como representativo da segunda onda (ECKERT, 2005) e como precursor da terceira (ECKERT, 2016). Além da realização de entrevistas sistemáticas e de anotações de campo, foram feitos levantamentos documentais acerca da história social da ilha – materiais relevantes para o autor entender o funcionamento da variável e interpretá-lo com base na identidade local. Esse trabalho evidenciou que a identidade dos falantes como “vineyardenses” se mostrou mais significativa em relação ao fenômeno linguístico variável do que os fatores sociais clássicos e a alternância de estilos contextuais nas entrevistas – o que o aproxima da segunda onda. À medida que o autor indexicaliza a variante centralizada a um certo posicionamento dos moradores (atitude positiva ou negativa em relação à ilha) no conflito ideológico local que opõe a ilha ao continente, esse estudo adquire características de terceira onda. Nesse sentido, a centralização da vogal dos ditongos analisados se reveste do significado social “um tipo particular de vineyardense” e não apenas da categoria social “vineyardense” (ECKERT, 2016).

Ao longo das três ondas, o tipo de análise também sofre modificações: a análise quantitativa vai perdendo sua força e a interpretação qualitativa da variação vai ganhando espaço numa abordagem cada vez mais multidimensional. Os traços linguísticos vão deixando de ser vistos como indexadores de *categorias sociais* estáticas e vão sendo associados a *significados sociais*, que são concebidos como múltiplos, negociados e dependentes do contexto – e que se manifestam no uso variável das formas por uma determinada comunidade ou grupo social, ou mesmo por um indivíduo. A variação deixa de ser vista como consequência do pertencimento do falante a uma categoria macrosociológica ou a um grupo social, para ser vista como criação de estilos linguísticos pelos falantes quando eles constroem e reconstróem suas identidades como projeções de significados sociais que portam valores ideológicos (DRUMMOND; SCHLEEF, 2016).

No Brasil, a par de aspectos relativos à construção de identidade, a variação estilística também tem sido associada a gêneros textuais/discursivos, tomados como uma variável independente, conforme atestam alguns capítulos

da coletânea *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*, organizada por Görski, Coelho e Nunes de Souza (2014). Outros trabalhos, como a tese de Bragança (2017), buscam deslocar a relação entre variação estilística e gênero, tomando os gêneros do discurso como *locus* onde se dá a relação entre formas, funções e significado social da variação.

3 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O TRATAMENTO DE QUESTÕES ESTILÍSTICAS E IDENTITÁRIAS: AMPLIANDO OS HORIZONTES

Nesta seção, i) enfatizamos a necessidade de reforço e ampliação da bagagem do professor – cuja formação se dá, basicamente, em cursos de Letras e de Pedagogia –, especialmente no que tange a questões de estilo e identidade, salientando o respeito à diversidade, bem como a conscientização acerca de razões sócio-históricas das diferenças e de suas consequências; e ii) sugerimos algumas atividades de caráter didático, que contemplem aspectos estilísticos e identitários.

Ao discutir o papel da sociolinguística na formação de professores de língua portuguesa como língua materna, Görski & Freitag (2013), a partir dos PCN, elencam alguns conhecimentos sociolinguísticos considerados como indispensáveis ao professor:

em termos amplos, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa, como língua materna: i) assuma uma concepção de língua como sistema heterogêneo, historicamente situado; ii) reconheça que as variantes linguísticas portam significado social e que a avaliação dos falantes acerca das formas interfere nos rumos de uma mudança; iii) reconheça o papel da língua na identidade sociocultural de um grupo/comunidade; e iv) tenha noção de norma(s) linguística(s) e da motivação política da escolha de uma “norma padrão”. Em termos mais específicos, é recomendável que o professor: i) reconheça fenômenos em variação e mudança no PB nos diferentes níveis linguísticos, na fala e na escrita, nas diferentes regiões, em diferentes épocas; e ii) busque entender as motivações linguísticas e/ou sociais da variação/mudança que envolvem esses fenômenos. (GÖRSKI; FREITAG, 2013, p. 19-20)

Hoje, com base nos avanços teórico-metodológicos da área, acrescentaríamos à bagagem do professor, acima descrita, a necessidade de que: i) perceba usos linguísticos variáveis como marcas estilísticas, produzidas não

só em virtude de automonitoramento (atenção à fala) e de acomodação à audiência, mas também como expressão de identidade pessoal e/ou de grupo; ii) reconheça o significado social associado às formas em variação, a) não somente atrelado a macrocategorias sociais, mas também b) a valores construídos localmente em termos de afiliação a grupos, e c) à construção de personas; iii) além de entender as motivações históricas e sociais da variação, esteja atento também aos efeitos de usos variáveis, especialmente em relação a formas estigmatizadas.

Uma pesquisa representativa, alinhada aos estudos variacionistas de terceira onda, é a tese de Salomão-Conchalo (2015), cujos resultados são retomados por Camacho e Salomão-Conchalo (2016) e Camacho (2017). Inspirados em Eckert (2000), os autores, observando as práticas sociais de dois grupos de estudantes ideologicamente opostos (*funkeiros* e *ecléticos*) de uma escola pública paulista de São José do Rio Preto, verificam, em relação à regra variável de concordância nominal, que mais importante do que macrocategorias sociais são os papéis que os adolescentes assumem nas comunidades de prática em questão, usando até mesmo intencionalmente a variante estigmatizada como bandeira para a construção de uma identidade de grupo. Camacho (2017) discute a relação entre o funcionamento da referida variável como indexador da construção de identidade, a noção de estigma/prestígio e a situação de ensino. Segundo o autor,

[m]arcar ou não marcar pluralidade é uma questão que vai além do compartilhamento do valor social de prestígio atribuído por categorias sociais pré-determinadas, o que permite questionar a própria definição prototípica de prestígio e estigmatização.

Quando uma variante estigmatizada pela comunidade social como um todo é adotada pelos membros de uma comunidade de prática, desvanece-se o valor de estigma social, justamente por indexar uma marca de afiliação ao grupo, de pertencimento social, e, portanto, de representação simbólica de construção de identidade. (CAMACHO, 2017, p. 105-106).

Nessa linha, pode-se pensar também que “o fracasso na aquisição da norma culta pode ser visto como uma forma de resistência” (BARRERA; MALUF, 2005, p. 39). Mesmo no caso específico da alfabetização, por exemplo, a manutenção de marcas linguísticas próprias pode preservar a identidade do indivíduo e/ou do grupo, “uma vez que o sucesso no processo de alfabetização significaria [...] a vitória do processo de aculturação, implicando no silêncio de sua fala e, em última instância, dos seus desejos” (p. 39).

Diante desse cenário, nos indagamos: Até que ponto os cursos de formação de professores da Educação Básica (seja dos anos iniciais ou dos últimos anos do Ensino Fundamental, seja do Ensino Médio) dão espaço em sua grade curricular a questões dessa natureza? Em que medida esses cursos incorporam resultados de pesquisas publicadas em teses e dissertações que contemplam a variação/mudança linguística?⁵

Destacamos, como um dos trabalhos relevantes para as reflexões aqui propostas, a tese de Spessato (2011) – *Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática* –, desenvolvida na área da educação, a qual ilustra de forma bastante significativa o papel da escola no tratamento de formas variáveis socialmente estigmatizadas, considerando o domínio das variedades mais prestigiadas *versus* o uso da variedade local como marca de identificação étnica/cultural e o problema do preconceito, com seus desdobramentos. Trata-se de uma pesquisa longitudinal, levada a cabo entre os anos de 2008 e 2009 numa escola pública da periferia de Chapecó/SC⁶, envolvendo 20 alunos adolescentes dos anos finais do Ensino Fundamental. A autora investigou a realização variável de /r/ – produzido como tepe em contextos de vibrante múltipla (como em /rua/ e /bariga/) e como vibrante múltipla em contextos de tepe (como em /paRede/) –, encontrando um alto percentual de produção de tepe em contextos de vibrante múltipla: 76%.

Spessato (2011) salienta que o fenômeno é estigmatizado socialmente na região e ilustra com depoimentos de universitários, relatados por Melo (2007), os quais afirmavam sofrer preconceito por parte de professores e de colegas e nunca terem sido alertados para o caráter estigmatizado da variante em questão, de modo a terem argumentos para explicar o uso dessa variante (/r/ em vez de /R/) relacionado a questões familiares, étnicas e históricas.

No desenvolvimento de sua pesquisa de campo, Spessato (2011) constatou que i) não havia ações de censura ou de preconceito no contexto escolar; ii) mesmo quando havia a presença da variante de prestígio na fala dos professores, ela era praticamente imperceptível aos estudantes; e iii) a ação dos

⁵ Poderíamos expandir esses questionamentos para o âmbito dos projetos de formação continuada, que costumam ser desenvolvidos na rede pública de ensino, ou para a elaboração de materiais didáticos, por exemplo. Vamos nos limitar, neste artigo, a uma discussão em torno das questões levantadas no texto.

⁶ A comunidade em estudo mantém características culturais e linguísticas de descendentes de italianos, com uma acentuada interferência do vêneto na fala em português.

educadores se mostrava fragilizada, tanto no que se refere à conscientização dos alunos em relação às diferenças, quanto à reflexão acerca das razões sociais e históricas da constituição da diversidade linguística local. Isso leva a autora à seguinte conclusão, salientando a importância da formação do professor:

É fundamental que as universidades e os cursos de formação continuada retomem a questão da variação linguística no aspecto crucial: o respeito à diversidade deve ser o ponto de partida, levando os estudantes a compreenderem os fatores sociais, históricos e políticos que a constituem. Urge que os conhecimentos científicos produzidos a respeito das questões linguísticas cheguem às escolas e contribuam efetivamente para mudanças na prática cotidiana com a linguagem em sala de aula. [...] Não basta reconhecer a existência da variação, [...] é preciso entender as razões da diversidade através do estudo, da pesquisa, do diálogo. (p. 226)

Em outra instância, focalizando o curso de Letras, Valle, Nunes de Souza e Butzge (2017) relatam sua experiência como docentes da disciplina Sociolinguística⁷ e discutem a formação de professores, sugerindo uma reconfiguração da disciplina, de modo a incorporar os avanços da área e promover reflexões mais atualizadas sobre a relação variação-ensino, com interesse também nos aspectos estilísticos e identitários intrínsecos a essa relação. Trabalhando com referências bibliográficas atualizadas – que contemplam estudos variacionistas alinhados às três ondas (ECKERT, 2012), bem como textos sobre política linguística e variação e ensino –, os professores propuseram como trabalho final da disciplina a elaboração de vídeos destinados a estudantes do Ensino Médio. Os vídeos produzidos abordaram questões de variação e identidade; norma, preconceito, língua e poder; e sociolinguística e ensino. Eis os títulos de alguns vídeos: *Identidade manezinha; Preconceito linguístico* (youtuber crítico aos programas de norma curta); *Preconceito linguístico* (documentário sobre o que estudantes da UFSC pensam sobre variação e preconceito linguístico); *Variações linguísticas no Brasil – Vidas em movimento: imigrantes; Poder e língua nas mídias sociais; Variação linguística na prática e no ensino do Jornalismo; Língua e identidade LGBT*, entre outros.

A experiência foi avaliada positivamente tanto pelos graduandos como pelos professores, especialmente pela motivação provocada por temas relacionados a demandas sociais mais recentes, o que levou o grupo a se engajar

⁷ Os autores ministraram a disciplina de Sociolinguística no curso de graduação em Letras-Português/UFSC (2017/1). Essa experiência foi replicada, com adaptações, por Valle em 2017/2, sempre reforçando o vínculo entre teoria e prática docente.

fortemente nas discussões e na execução da atividade, articulando os conhecimentos trabalhados na disciplina, bem como revisando práticas sedimentadas na área, com vistas à futura atuação docente dos alunos. Um dado que chama a atenção foi a limitação apontada quanto à escassez de textos sobre terceira onda em português, fato tido como um fator dificultador.

Com foco na formação de professores em curso de Pedagogia, Valle (2018) desenvolveu o projeto *Implicações dos estudos sociolinguísticos na formação de professores de Educação Infantil e de Anos Iniciais*⁸. Na execução do projeto, foram contemplados, entre outros, os seguintes pontos: i) uma avaliação diagnóstica – que detectou que os estudantes apresentavam uma visão bastante incipiente a respeito da variação linguística, considerando basicamente a diversidade regional e aspectos relacionados ao preconceito linguístico, sem uma reflexão aprofundada sobre as implicações para o ensino; ii) um embasamento teórico-conceitual – que envolveu leituras e discussões sobre a) variação, normas, erro e preconceito linguístico; b) o tratamento dado à variação nas práticas docentes; c) a formação do professor de língua materna; d) a relação entre identidade e infância e a sensibilidade das crianças para aspectos estilísticos; iii) a produção de questionário sobre crenças/attitudes – que foi aplicado a dezoito professoras dos Anos Iniciais da rede pública e de escolas particulares de Florianópolis.

Ao serem perguntadas sobre “o que entendem sobre variação” e se “percebiam diferentes modos de falar em sala de aula”, as professoras destacaram, majoritariamente, apenas aspectos regionais. Sobre a “percepção dos educandos em relação aos diferentes modos de falar (na fala da professora ou dos colegas)”, grande parte das professoras relatou alto grau de sensibilidade das crianças, mas novamente o foco foram as variedades regionais. Poucos casos se desviaram desse comportamento padrão. Uma professora mencionou que é possível aproveitar a percepção dos alunos para trabalhar questões estilísticas (voltadas a usos adequados a diferentes contextos), porém acabou exemplificando com variação lexical regional (*bergamota, tangerina, mexerica*). Algumas poucas professoras aludiram a práticas sobre variação linguística no dia a dia da escola, como o trabalho com cordéis e com o vocabulário dos nativos de Florianópolis (exemplificando com *Tax tola é?*). A esse respeito, chama a atenção a resposta de uma professora entrevistada:

⁸ O projeto foi desenvolvido no curso de Pedagogia da UDESC, no âmbito da disciplina Língua Portuguesa e Ensino, em 2018/1.

Não trabalho [...], a escola não nos proporciona formações específicas para determinados assuntos, partindo dessa entrevista vi que venho falhando, pois não apresento aos meus alunos a diversidade linguística, podemos explorar variações diversas para ampliar e enriquecer o conhecimento de todos, inclusive o meu. [Pa 15]⁹

Evidentemente, trabalhos dessa natureza junto a futuros professores trazem ganhos importantes para a formação docente. No caso em tela, a mobilização de conhecimentos que precisaram ser adquiridos pelos graduandos e a reflexão sobre o material coletado nas entrevistas, fundamentada na teoria, para além de promover a avaliação sobre as práticas das professoras entrevistadas, promoveu também a autoconsciência sobre a postura dos estudantes como futuros professores e propiciou uma elaboração conjunta de sugestões práticas para a integração do trabalho com a variação linguística no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais.

Nesse sentido, é bastante pertinente a afirmação de Bortoni-Ricardo e Freitas:

Licenciandos em cursos de Pedagogia que recebem formação sociolinguística estão mais bem preparados para lidar com o ensino da língua materna, pois se tornam mais eficientes como mediadores e co-construtores do conhecimento linguístico necessário aos alunos para sua participação nas práticas sociais que acontecem na escola e na sociedade (2009, p. 07).

Considerando o que foi abordado nesta seção e com base em aspectos teórico-conceituais já apresentados, bem como em orientações oficiais sobre o tratamento da variação linguística, selecionamos, a seguir, algumas atividades que podem ser desenvolvidas na esfera escolar.

A BNCC (2017) propõe atividades como: i) ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as [...] características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos (p. 111; grifos acrescentados); ii) elaborar texto teatral [...] indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso

⁹ O código identifica a entrevista e a respectiva ordem: escola particular (Pa), número 15.

direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática (p. 157). Nessas propostas, vale acrescentar: identificar marcas estilísticas e identitárias na construção de personas e os efeitos de sentido decorrentes dessas marcas.

Um tipo de trabalho bastante instigante é aquele desenvolvido em torno de projetos. Uma sugestão seria focalizar o significado social da variação. Nesse caso, se poderia contemplar:

- i) a avaliação social – para além de julgamentos como falar bem/mal, certo/errado, bonito/feio, colocar luz em: a) O que tal forma de dizer significa? e b) O que tal forma expressa em termos de intenções, posicionamentos, sentimentos etc.?
- ii) a identidade/estilo – problematizar: a) Que características podem ser associadas a tal modo de falar? Ex.: região de origem (gaúcho, paulista; zona urbana, rural; centro, periferia); pertencimento a certo grupo (pescadores, surfistas, fanqueiros, rappers etc.); identidade pessoal/postura (pessoa inteligente, brincalhona, descolada, educada etc.) e b) Que outras características não linguísticas podem ser associadas às diferentes formas de falar? Ex.: hábitos, vestimentas etc. Com atividades desse tipo explora-se a noção de *campo indexical*.

Na esteira das questões acima, a pesquisa de campo fornece ótimo material para análise. Uma outra atividade interessante seria selecionar *tipos sociais* representativos na comunidade (ex.: rendeira, pescador, surfista, artista etc.) para serem entrevistados, o que requer: preparar roteiro de entrevista com foco em aspectos identitários/estilísticos; realizar as entrevistas; transcrevê-las e analisar as falas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da Sociolinguística Educacional, buscamos discutir questões sociais e estilísticas voltadas à identidade, que atravessam as três ondas dos estudos variacionistas (ECKERT, 2012), atrelando-as a resultados de pesquisas na área, a orientações de documentos oficiais para o tratamento da variação linguística e à formação de professores de língua portuguesa.

Em síntese, aventamos que: i) os avanços de natureza epistemológica e metodológica na área de Sociolinguística Variacionista, notadamente no que tange a aspectos socioestilísticos e identitários – que extrapolem a variação regional e a visão polarizada de padrão e não padrão, de formal e informal, de prestígio e estigma –, têm tido ainda tímida repercussão em termos de uma pedagogia da variação, que continua fortemente voltada para o respeito à diversidade e o combate ao preconceito linguístico, com foco no ensino da norma culta e na adequação de registros; ii) é possível e desejável transpor para a esfera de formação de professores as discussões mais recentes acerca de variação linguística, dando um lugar de destaque para o caráter agentivo do indivíduo e suas práticas sociais em grupos mais localizados, na comunidade imediata e em esferas mais amplas, contemplando questões identitárias e sua correlação com a língua em uso.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. Variação linguística em livro didático do Ensino Fundamental: propostas e tratamento. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 350-360, jan.-jun. 2017.
- BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Variação linguística na escola: resultados de um projeto. *Revista da ABRALIN*, v.13, n.1, p. 39-62, jan./jun. 2014.
- BARRERA, Sylvia Domingos; MALUF, Maria Regina. Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2004, v.8, n.1, p. 35-46.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Sociolinguística educacional. In: HORA, Dermeval da; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C. (Orgs.) *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. Disponível em: [http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/901]. Acesso em: 04 ago. 2018.
- BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. 696 f. Tese. (Doutorado em Linguística: Teoria e análise linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular – Educação é a base*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br]. Acesso em: 15 ago. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC/

SEF, 1998. Disponível em: [<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>]. Acesso em: 15 ago. 2018.

CAMACHO, Roberto; SALOMÃO-CONCHALO, Mícia. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. In: *Todas as letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago. 2016. Disponível em: [<http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p46-63>]. Acesso em: 15 mar. 2018.

CAMACHO, Roberto. Norma e variação: valores simbólicos em oposição. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 46 (1): p. 98-108, 2017.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juíz de Fora-MG*. 2007. 174 fl. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; RONCARATI, Claudia. Crenças de professores e alunos de português de escolas públicas de Juiz de Fora-MG. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/EDUFF, 2008. p. 170-191.

DRUMMOND, Rob; SCHLEEF, Erik. Identity in variationist sociolinguistics. In: PREECE, S. (Ed.). *The Routledge Handbook of Language and Identity*. New York: Routledge. 2016. p. 50-65.

ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. In: COLUMAS, F. (org.). *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 151-167.

_____. *Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of social meaning in Belten High*. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

_____. *Three Waves of Variation Study: the emergence of meaning in the study of variation*. 2005. Não publicado, ms. Disponível em: [<http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWavesofVariation.pdf>]. Acesso em: 10 mar. 2010.

_____. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, jun. 2012. Disponível em: [<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>]. Acesso em: 20 nov. 2016.

_____. Third wave variationism. *Oxford Handbooks Online*, 2016. Disponível em: [<http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>]. Acesso em: 12 abr. 2017.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa com língua materna. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.) *Contribuições da sociolinguística e da linguística histórica para o ensino de língua portuguesa*. Natal, RN: EDUFRN, 2013, p. 11-52.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. *Sociolinguistic Styles*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2016. [Language in society]

-
- KIESLING, Scott Fabius. Constructing identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 448-467.
- MARINE, Talita de Cássia; BARBOSA, Juliana Bertucci. Crenças linguísticas de alunos do PROFLETRAS de universidades no Triângulo Mineiro. *Letrônica*. | Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 361-379, jan.-jun. 2017.
- MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, M. Alice (Orgs.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- OLIVEIRA, Antônio Flávio Ferreira; NASCIMENTO, Ilderlândio Assis de Andrade. As variedades linguísticas no livro didático *Português – linguagens: uma abordagem sociolinguística*. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 336-349, jan.-jun. 2017.
- SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social. 2015. 314 f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- SIMÕES, Luciene Juliano; SOARES, Simone Mendonça. Concordância nominal na fala infantil: implicações para a escola. In: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 123-144.
- SPESSATTO, Marizete Bortolanza. *Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática*. 2011. 237 f. Tese. [Doutorado em Educação]. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VALLE, Carla Regina Martins; BUTZGE, Clóvis Alencar; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. Experiência de prática docente na formação de professores: um olhar para os novos rumos da sociolinguística. Trabalho apresentado no *II Simpósio de variação linguística e ensino (SIMVALE)*. Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, dez. 2017.
- VALLE, Carla Regina Martins. *Implicações dos estudos sociolinguísticos na formação de professores de Educação Infantil e de Anos Iniciais*. 2018. 16 fl. Relatório. (Pós-doc em Linguística: Sociolinguística e dialetologia). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VIANA, Suelen de Andrade. *Por uma interface sociolinguística no livro didático de língua portuguesa: análises e contribuições*. 2005. 113 fl. Dissertação. (Mestrado em Linguística: Sociolinguística e dialetologia). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VIEIRA, Sílvia (Org.). *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. São Paulo: Blucher, 2018.
- ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

Nota do editor:
Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.
Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.